História, Cultura e Patrimônio

Os solares urbanos do século XIX

History, culture and patrimony

The cities manors-house of the century XIX

SANDRA C. A PELEGRINI
Doutora em História Social pela FFLCH/USP – Docente do Departamento de História/Universidade Estadual de Maringá

RESUMO Esse artigo visa discutir o traçado arquitetônico e as formas de organização do espaço reservado às moradias dos segmentos dominantes no Brasil, do século XIX, pois essas residências constituem parte do patrimônio histórico do país e, como tal, comportam representações do contexto socioeconômico de seu tempo, constituem registros visuais dos anseios, necessidades e contradições sociais.

Palavras-chaves patrimônio histórico - arquitetura - memória social - população - bens culturais - poder.

ABSTRACT This article aims at to argue the tracing architectural and the forms of organization of the housings of the dominant segments in Brazil, of century XIX, therefore these residences constitute part of the historic site of the country and, with such, they hold representations of the social economic context of its time, constitute visual registers of the yearnings, social necessities and contradictions.

Key words patrimony - architecture - social memory - population - power.

A implementação de leis voltadas para a defesa do Patrimônio Histórico representou um avanço no campo da preservação da memória social no Brasil, no entanto, os fundamentos que informaram essas práticas preservacionistas acabaram provocando a expropriação cultural de maior parcela da população que não se viu reconhecida em obras suntuosas como solares, casarões, igrejas, câmaras municipais, fortificações, entre outros edifícios (FENELON, 1992, p. 30). Nesse âmbito, a investigação acerca da história dos projetos construtivos e das técnicas utilizadas na sua execução pode propiciar o contato com valores, hábitos, manifestações religiosas, adaptações ao meio sócio-ambiental, além de outros diversos fatores, que caracterizam os bens culturais e o patrimônio histórico de uma sociedade. Esse enfoque torna-se ainda mais relevante quando nos ocupamos das transformações de natureza estética e funcional processadas na arquitetura das habitações brasileiras, no decorrer do século XIX.

Uma minuciosa observação das residências brasileiras é capaz de revelar as singularidades dos projetos arquitetônicos dessas habitações, intrínsecas à forma de organização hierárquica da sociedade colonial. A distinção entre os espaços destinados à execução de serviços, ao lazer ou ao convívio familiar permite o vislumbre de registros e referenciais culturais que envolvem tanto os segmentos dominantes, quanto os empregados domésticos, indícios de formas de organização do trabalho e dos embates travados no âmbito dessas habitações.

Todavia, não se pode deixar de reconhecer que as questões inscritas no âmbito da política de preservação dos monumentos históricos no Brasil vêm sendo fundamentadas na observância da função social da propriedade, aspecto que, por sua vez, acabou implicando a conservação de bens móveis e imóveis considerados memoráveis para história do país e relegou outros bens culturais ao esquecimento. A problemática do patrimônio nacional se circunscreveu ao princípio constitucional, em 1934, enquanto a primeira lei nacional de proteção ao patrimônio foi promulgada através do Decreto-lei n.º 25, de 30 de 11 de 1937.

Na esfera arquitetônica, tal definição se prestou a justificar, por um lado, a conservação de residências de segmentos dominantes, e de outro, o descaso em relação à preservação de edifícios menos sofisticados e de casas populares, identificados como entraves para a modernização e desenvolvimento do país. Mas, as edificações públicas ou privadas, entendidas como produtos de uma dada época, constituem registros visuais dos anseios, necessidades e contradições sociais. O traçado arquitetônico e as formas de organização do espaço comportam representações do contexto socioeconômico em que emergiram. No entanto, para melhor percebe-las faz-se necessário empreender esforços no sentido de detectar fatores físicos inerentes à produção arquitetônica analisada.

No caso específico desse estudo, não se pode negligenciar o fato de que as construções do século XIX precisavam adaptar-se aos materiais disponíveis na região onde seriam implantadas e acompanhar os desníveis do terreno, pois todo o processo de aterro e corte da terra, era realizado manualmente o que tornava o processo dispendioso e demorado,[1] nem tampouco deixar de reconhecer que as condições socioeconômicas e o calor intenso constituíram elementos determinantes na confecção das plantas, agenciamentos e partidos arquitetônicos desenvolvidos no Brasil dessa época.

As obras brasileiras, via de regra, foram adaptadas às condições locais, sendo acrescentados referenciais estéticos europeus às suas fachadas. A profusão de elementos plásticos de origem lusitana, francesa ou espanhola, não impediu que fossem edificadas réplicas de residências portuguesas ou versões populares de casas da Andaluzia em algumas províncias do Nordeste e do Sudeste. Na Província de São Paulo, por exemplo, não raro se optava por projetos arquitetônicos fundamentados em princípios de simetria hispânicos evidenciados em plantas quadradas ou retangulares, corredores fronteiros e posteriores, amplos telhados de quatro águas, discretas aberturas nas janelas, alternância de "cheios e vazios" (corredores de pilares de madeira ladeados por panos de parede com uma janela em cada lado). Talvez, essa característica estética das residências brasileiras possa ser explicada pela tentativa dos imigrantes que para cá se dirigiram preservarem valores culturais, noções do belo e do gosto europeu, e ainda, imagens que lhes pudessem garantir certa identidade com suas origens (AMARAL,1981, p.29).

A análise de algumas moradias antigas das cidades de Ouro Preto, Diamantina, nas Minas Gerais, Olinda e Recife, em Pernambuco, e Salvador, na Bahia permite a identificação dos partidos arquitetônicos típicos dos solares construídos no início do século XIX, pelas famílias mais abastadas da Colônia. Trata-se de edifícios com dois ou três pavimentos, sacadas frontais ou varandas em rótulas que abrangem toda a fachada do segundo andar. Mas, no decorrer das primeiras décadas desse século, processaram-se mudanças substanciais nas concepções das residências urbanas no Brasil.[2]

A Casa dos Contos, na cidade de Ouro Preto, é um dos exemplares

1 No caso das sedes de fazenda, outro aspecto considerado era a instalação das residências em áreas próximas aos rios ou açudes da propriedade, de modo a garantir o abastecimento de água da casa e a irrigação dos campos de plantio, caso fosse necessário. Além disso, a escolha da localização das moradias atendia a vetores topográficos estratégicos, capazes de proporcionar o controle sobre o comportamento dos escravos, o trânsito de pessoas estranhas à propriedade e os trabalhos realizados na fazenda.

2 O deslocamento da corte portuguesa para o Brasil em 1808, gerou a necessidade de reorganização do Rio de Janeiro, de modo a acomodar o recém-chegado contingente de nobres e criados. Os estudiosos do tema salientam que esse rearranjo da "cidade" desencadeou uma "onda" de novas construções. E impulsionou o desenvolvimento de novos perfis na construção civil de outras províncias agora informadas pelo requinte da nobreza portuguesa.

mais notáveis das moradias construídas nos fins do século XVIII por adotar antecipadamente partidos arquitetônicos que seriam usados no século seguinte. Seu traçado é atribuído ao arquiteto Antonio Sousa Calheiro. Essa residência, de propriedade do contratador João Rodrigues de Macedo, era usada também com fins de se efetuar a repartição de contratos e dízimos de ouro, por essa razão possuía uma fundição de ouro nos fundos, com ampla chaminé.[3]

O local, a partir de 1803, passou a ser utilizado como sede da Junta Real de Fazenda. Nos tempos do Império tornou-se prédio da Tesouraria de Fazenda, passando depois aos serviços dos Correios, e nos anos 70 do século passado, abrigou a empresa dos Correios e Telégrafos. A casa conta com majestosa fachada brindada com cunhais de secção em semicírculo (em pedra lavrada), bem como guarnições de portas e janelas também na mesma pedra. Um vestíbulo monumental com suntuosa escadaria, o pátio, o mirante e as nove sacadas frontais do casario são algumas particularidades do partido arquitetônico dessa residência de 1787 (Gravura nº 1).

Data também do século XVIII, a construção da casa do desembargador João Fernandes de Oliveira, contratador de diamantes apaixonado por Francisca da Silva — lendária mulata liberta da história das Minas Gerais. A casa de dois pavimentos foi construída por volta de 1759, no Arraial do Tijuco, hoje Diamantina, conta com cinco sacadas torneadas.[4] A suntuosidade do solar e o aparato e o luxo de Chica da Silva deslumbravam o povo simples e as famílias mais tradicionais do arraial (Foto nº 5, de autoria de Assis/Banco de Dados do SPHAN).[5] .

Os referenciais estéticos neoclássicos iriam suplantar aos poucos a expressão monumental da arquitetura barroca, bem como o despoja-

---

3 A Casa dos Contos parece ter sido usada como prisão no episódio da Inconfidência Mineira, todavia estudiosos da casa como o arquiteto Paulo Barreto discorda dessa possibilidade. Atualmente, o prédio abriga o Centro de Estudos do Ciclo do Ouro e sede do Museu da Moeda e Fisco. A residência assemelha-se aos solares do Norte de Portugal, localiza-se ao lado do chafariz dos Contos e de uma das pontes mais pitorescas da cidade de Ouro Preto, à rua... A casa foi construída em alvenaria de pedra, a fachada principal (voltada para a rua São José) é enquadrada por cunhais, de seção ondulada e barroca. *Uma série de nove portas, sendo a central mais rica com cercadura e cimalha de pedra, à qual correspondem nove sacadas curvas, molduradas e trabalhadas, com guarda-corpos de ferro forjado de modelo usado nos palácios portugueses, os mesmos usados no Paço do Rio de Janeiro e outras habitações nobres.* As portas-janela do andar superior apresentam desenhos detalhados, *guarnecidos de cimalhas e pequenos consolos laterais. O conjunto é coroado por um longo entablamento de cantaria, que corre toda à volta do prédio* (SOUZA, 1984).

4 No conjunto da casa, chama a atenção à varanda lateral, *composta por painéis treliçados, almofadados e com balaústres, atestando a influência mourisca na arquitetura brasileira.* Construída em madeira com vedações em adobe e pau-a pique, apresenta no bloco principal, cobertura em quatro águas e "puxados" cobertos por meio de prolongamentos (exceção feita ao ambiente do fundo que mostra cobertura independente em três águas). A planta evidencia a presença de vestíbulo, a partir do qual vê-se a escada de acesso ao andar superior, um pátio ajardinado (onde deve ter sido edificada a antiga capela). No seu interior preserva elementos típicos das moradias do período minerador, especialmente, as superfícies de alvenaria rebocadas e caiadas, pisos em tábuas largas, e forros em esteira ou madeira em saia-e-camisa (Cf. Banco de Dados do SPHAN/Rio de Janeiro).

5 A vida de Chica da Silva foi tema de um filme dirigido por Cacá Diegues. Outros detalhes da vida e da descendência dessa memorável personagem podem ser observados no artigo *Família e relações de gênero no Tejuco: o caso de Chica da Silva*, de Júnia F. Furtado (2001, p. 33-74).

mento e a horizontalidade que caracterizavam as construções coloniais. Como destaca Ebe Reale, os interiores sofreriam várias alterações, impondo-se maior valorização desse espaço e aprimoramento da decoração interna por meio do uso de adornos e móveis importados da Europa (1975, p. 108).

Por certo, a vinda da família real para colônia acabou alterando a fisionomia da cidade do Rio de Janeiro, e quiçá, de outras regiões próximas a ela.[6] Esse deslocamento incrementaria a vida cultural da população colonial, pois iria propiciar o acesso a um número maior de livros e o convívio dos colonos com intelectuais, cientistas e viajantes europeus. Na esfera arquitetônica, essa relativa circulação de idéias, intensificar-se-ia com a chegada do arquiteto Grandjean de Montigny, integrante da Missão Artística Francesa ao Rio de Janeiro, em 1816. Ele seria responsável por projetos de edificação urbana, contribuindo para o fomento da estética neoclássica na colônia (GRAAMN, 1997).[7]

Mas, torna-se imperioso reconhecer que as alterações detectadas nos projetos arquitetônicos, particularmente, no âmbito dos conjuntos residenciais, não se circunscreveram à introdução de elementos clássicos nas fachadas dos edifícios. O espaço interno das moradias brasileiras sofreria modificações, principalmente, no que tange à descaracterização funcional de alguns ambientes da casa — aspecto, por sua vez, vinculado ao processo de adaptação do europeu ao clima, aos costumes e às formas de organização do trabalho na colônia. A cozinha normalmente disposta no centro das habitações figurava como um dos ambientes de maior interesse na casa européia, pois, além de ser o lugar reservado à preparação dos alimentos, irradiava calor aos demais ambientes. Na colônia, no entanto, se transformaria num espaço estigmatizado, em função da larga utilização de mão-de-obra escrava nas atividades domésticas, sendo deslocado do corpo da casa para áreas mais distantes. Essa formação pode ser observada, principalmente nas sedes das fazendas paulistas, como do casarão da Fazenda do Pinhal, localizado na cidade de São Carlos, São Paulo (tombada pelo SPHAN).

Cabe lembrar que os especialistas afirmam que a separação da cozinha do restante da casa talvez seja decorrência de uma interação dos colonos com o costume indígena de cozer fora da oca, sobre algumas pedras no chão. Esse aspecto e a utilização da mão-de-obra negra e indígena contribuíram para segregar a cozinha dos demais cômodos da

6 No filme *Carlota Joaquina* (1994), de Carla Camurati, são abordados alguns dos problemas enfrentados pela população do Rio de Janeiro em decorrência da transferência da corte portuguesa para colônia. Guardadas as devidas proporções, e respeitada a licença poética dessa produção cinematográfica, pode-se afirmar que o enredo apresenta várias cenas que reportam a questão da falta de moradias, necessidade de reestruturação da cidade, entre outros problemas urbanos.

7 Montigny imprimiu à arquitetura brasileira a estética neoclássica, sendo responsável pelo projeto do prédio da Academia de Belas –Artes, erguido em 1826 (TAUNAY, 1983).

casa, transformando-a num espaço desprezado pelos segmentos dominantes (LEMOS, 1996, p. 18). Esse traçado, cada vez mais recorrente, nos partidos arquitetônicos dos solares urbanos, por um lado, evitava que a gordura, a fumaça e os aromas indesejáveis dos cozimentos, considerados impuros ou lascivos, invadissem outros ambientes da moradia. Mas, por outro lado, evidenciava escassas preocupações com a organização funcional das áreas de trabalho, no sentido de poupar distâncias ou facilitar a labuta.

Em meados do século XIX, parte significativa das construções residenciais da colônia ainda era térrea e as cozinhas mantidas longe do corpo principal da casa. Os sobrados, na região sul e sudeste, normalmente, eram construídos com dois andares, enquanto que no Nordeste, alguns edifícios atingiam três ou quatro pavimentos. Mas, curiosamente, no Recife foram edificados sobrados com até seis pavimentos, sendo a cozinha localizada no último andar justamente para evitar que esses odores se disseminassem nos outros pavimentos do edifício (REALE, 1975, p. 104). Observa-se através da gravura no. 4, a estampa de um dos ângulos do Bairro de Santo Antonio, na qual se visualiza o casario do Recife antigo. Os sobrados construídos com até quatro pavimentos apresentam sacadas ornamentadas com consolos de pedra. Ao fundo, se vê uma representação da torre da Igreja do Carmo.

Somente com a extinção do trabalho escravo, a cozinha passaria por modificações visando atingir maior funcionalidade, driblar a custosa manutenção de empregados domésticos e atender às necessidades impostas com a utilização do trabalho imigrante branco. Nos trópicos, a cozinha operava como *uma fábrica de comida*, necessária para prover os membros da *imensa família patriarcal* que incluía *visitantes, agregados, empregados e, até mesmo o contingente escravo* (VERÍSSIMO, 1999, p. 109). Se, é verdade que nesse local, desenvolviam-se todos os estágios de preparação do alimento, não é menos verdade que no pátio também se concentrava boa parte dos serviços domésticos, tais como lavar a roupa e estende-la para quarar, realizar parte da limpeza dos animais abatidos antes mesmo de levá-los à cozinha, entre outros. Os quintais também faziam parte do espaço destinado aos serviços e às mulheres. Nesse local podiam se refrescar, tecer e observar as brincadeiras infantis, em especial, das meninas. Ao redor deste espaço, geralmente, formavam-se galinheiros, plantavam-se pomares e hortas que serviam de apoio à cozinha.

Outro cômodo bastante importante no dia-a-dia da casa grande era a *sala de viver*, conhecida na região de São Paulo como varanda, transformada posteriormente em copa ou sala de jantar. Tratava-se de um espaço íntimo reservado à família, no qual permitia-se um pouco de descontração. Nessas áreas, distantes dos olhos dos visitantes, as senhoras

supervisionavam o trabalho das escravas, mucamas catavam piolhos nas sinhazinhas, serviam-se refeições informais, nas quais era permitido até *beber no gargalho* ou *arrotar-se à mesa* (VERÍSSIMO, 1999, p.117).

Nas décadas finais do século XVIII e inícios do século XIX, a arquitetura brasileira adotou a taipa como o sistema construtivo,[8] não apresentando traços arrojados devido às restrições impostas pelos esparsos recursos naturais e financeiros disponíveis na região e pelas limitações da técnica empreendida. Mas, o contato com os hábitos dos membros da corte portuguesa, somado à riqueza oriunda do êxito da cultura do café possibilitariam o desenvolvimento de padrões construtivos mais requintados, capazes de forjar novas sociabilidades entre os segmentos dominantes. O desejo de alcançar reconhecimento social e prestígio político, almejado pelos proprietários do chamado *ouro verde,* não se limitaria mais à grandiosidade ostentada pelos seus suntuosos palacetes.

As viagens ao continente europeu tornar-se-iam mais freqüentes, concorrendo para o aprimoramento dos partidos arquitetônicos e o desenvolvimento do gosto por objetos de arte, mobílias e outros utensílios decorativos que iriam alterar significativamente os interiores desses imóveis. Também a abertura dos portos e a conseqüente integração do país ao mercado mundial[9] contribuiriam para a alteração estética das construções próximas aos maiores centros e ao litoral. Contudo, às técnicas construtivas tradicionais foram acrescentados elementos como as platibandas e calhas nas fachadas e telhados, em substituição aos beirais e condutores (REIS,1970, p.37).

Na época, o acesso a novidades como o vidro plano[10] iria propiciar maior aproveitamento da luz solar e o conseqüente prolongamento das tarefas diárias, atividades até então condicionadas aos ditames da natureza. Como assinala Carlos Lemos: *acordava-se com o sol e dormia-se quando ele se punha. Nada mais se fazia depois das seis horas da tarde, (...) a não ser rezar* (1996, p.18). Uma simples precipitação atmosférica no meio do dia ou um vento forte eram suficientes para que a moradia ficasse as escuras, pois as janelas apresentavam um tipo de vedação feita de tábuas de madeira, chamados *escuros*, enquanto toda iluminação se fazia por meio das velas dos candeeiros.

---

8 Taipa foi um dos sistemas construtivos utilizados nas construções coloniais, uma vez que a região oferecia poucos recursos naturais e financeiros para a construção em pedra. Além disso, o uso de tijolos de barro não era uma técnica muito disseminada na Colônia, até então (ALBERNAZ, 2000, p. 588).

9 A Abertura dos Portos às Nações Amigas, decretada em 1808, foi uma das primeiras medidas tomadas por D. João. Ela representou o fim de Pacto Colonial e a conseqüente independência econômica do país em relação a Portugal, mas permitiu que ocorresse um verdadeiro escoamento da produção britânica, naquele momento estocada dos portos ingleses devido ao Bloqueio Continental que se dava na Europa (MATTOS, 1987).

10 A difusão do uso do vidro na construção civil foi incentivada pela baixa dos custos provocada pela fabricação em larga escala, tornada possível após a Revolução Industrial (PEREIRA, 1988).

No solar da Baixa do Bonfim, residência dos Marbach, em meados do século XIX, nota-se a elegância das linhas, varandas laterais e grandes janelas envidraçadas, peculiares na área urbana de Salvador, Bahia (gravura no. 1). Nessa época, a entrada efusiva de luz natural, mediante a incorporação de vidros simples ou coloridos nas bandeiras das portas e janelas,[11] e a utilização de lampiões de mecha circular, outra novidade advinda da Revolução Industrial, garantiriam o aumento do período útil do dia, seja prolongando as jornadas de trabalho ou criando momentos de recreação antes impossíveis, como a realização de jogos ou de trabalhos manuais à noite, a reunião da família após o jantar para prosear ou tocar piano.

A difusão do convívio em sociedade lentamente impulsionaria mudanças no comportamento das elites, perceptíveis também na organização espacial das suas residências. As salas, anteriormente de exclusivo uso familiar, começaram a receber visitantes. O hábito de receber suscitaria o interesse pelas áreas sociais das residências e a ampliação do número de cômodos destinados à recepção. Salas com as mais diversas funções seriam anexadas ao corpo da casa, surgiriam salas de jogos, música e jantar, além de salões principais, destinados a jantares, festas, saraus e bailes.

A vida familiar passaria a girar em torno da vida social. As mulheres que até então raramente eram vistas pelos visitantes, mesmo que esses se hospedassem por vários dias na residência, começavam a participar de eventos festivos. Pianos não raro seriam transportados em carros de boi para as fazendas e se tornariam instrumentos requisitados pelas filhas dos barões e condes do café.

Nesse sentido, as elites paulistas enriquecidas com as rendas provenientes da cultura do café tenderiam a desvalorizar os costumes locais e a adotar padrões culturais europeus, buscando adquirir artefatos decorativos e materiais de construção importados, contratando arquitetos, mestres de obras e pedreiros oriundos da Europa e dos Estados Unidos. Assim, acentuar-se-ia o processo de europeização do patrimônio cultural e arquitetônico da região de São Paulo e a adoção de padrões construtivos menos dependentes das necessidades de adaptação sócio-ambiental e das restrições de natureza econômica.

A "casa grande" do período colonial monumental por excelência, mas geometricamente simples e com escassos adornos, daria lugar a

11 O vidro iria substituir as urupemas e as gelosias, nome dado a um painel treliçado de madeira, usado até inicio do século XIX, para vedar os vãos das janelas, após este período foi proibida pela legislação para construção por ser elemento remanescente de arquitetura ultrapassada. A urupema é uma esteira de fibras vegetais usada para vedar os vãos das portas e janelas, ou de balcões, permitindo a entrada de ventilação e protegendo contra o sol (ALBERNAZ, 2000, p. 289 e 645).

palacetes de influência notadamente européia, inspirados no estilo neoclássico e eclético[12] (LEMOS, 1996, p.51). Em meados do século, a arquitetura urbana iria apresentar a incorporação de novas técnicas e estruturas metálicas. Nas fachadas a prumada de pilastras sobre a platibanda e a adoção de soluções mais complexas na cobertura (telhados com quatro águas), bem como a utilização de figuras de louça do Porto e de vasos como adorno revelariam o resultado plástico das adaptações coloniais aos modismos estéticos (REIS, 1970, p.38). No entanto, alterações mais substanciais seriam detectadas nos interiores das residências nos quais a valorização do conforto evidenciaria preocupações com a privacidade e a higiene, enquanto que a associação entre objetos e móveis importados implicaria na distinção do design e das obras de arte como signos de opulência, cultura e gosto apurado.

Detecta-se, no último quartel da segunda metade do século XIX, a emergência de casas com porão alto — modelo considerado pelos especialistas como uma fase intermediária entre a construção dos sobrados coloniais e as casas térreas. Esse tipo de fachada foi muito comum entre os edifícios construídos em Parati, no Rio de Janeiro, atualmente transformados em pousadas para turistas ou casas de veraneio. Tais construções guardavam traços da organização da família patriarcal, procurando resguardar as áreas internas da residência das vistas dos transeuntes. Os porões eram privados de iluminação e ventilação adequada, possibilitada somente através de pequenas aberturas denominadas "óculos", vedados com gradis de ferro (gravura no. 3).

Essa nova fórmula adotada principalmente nas áreas mais urbanizadas viria favorecer a diminuição das distâncias entre a rua e a entrada da casa. Nesse tipo de edificação, o primeiro pavimento era destinado aos ambientes mais valorizados socialmente, enquanto os porões, via de regra, abrigavam a cozinha e demais áreas de serviço. A comida era transportada por meio de monta-carga ou através de uma estreita escadaria que levava a uma pequena sala denominada *de service*. Os inconvenientes desse tipo de solução não tardariam a colocá-la em desuso. Num curto espaço de tempo seriam realizadas adaptações e algumas residências adotariam a implantação de duas cozinhas, uma no porão e outra nas imediações da sala de jantar (com a função de apenas aquecer os pratos antes de serem servidos). Aliás, a proximidade entre a sala de jantar e cozinha passaria ser considerada signo de modernidade e competência dos projetos residenciais a partir de então (LEMOS, 1996, p.51).

12 Ecletismo é um estilo revivalista que reúne diversas manifestações arquitetônicas numa mesma obra, e cujo efeito prima pelo aspecto decorativo (GOMBRICH, 1999), predominante no Brasil a partir de meados do século XIX até as primeiras décadas do XX (ALBERNAZ, 2000, p. 208).

Além da cozinha, os porões serviam para acomodar os quartos destinados às empregadas brancas, contratadas para gerenciarem os serviços domésticos e atuarem como preceptoras dos filhos da elite. Função idêntica foi atribuída aos sótãos das mansardas das casas ecléticas, especialmente quando a abolição do trabalho escravo implicou na contratação de maior número de empregados brancos, em sua maioria, imigrantes europeus, considerados capazes de prestar serviços com maior refinamento.

Por último, deve-se destacar que as sociabilidades deflagradas mediante o contato das elites coloniais com os cortesãos portugueses e com outros segmentos europeus mais intelectualizados impulsionaram modificações substanciais nos programas de necessidade dos projetos residenciais brasileiros. A retomada de valores europeus e hábitos e a abertura da casa aos visitantes concorreram para a alteração das concepções de espaço e funcionalidade das residências urbanas, estimulando a valorização das áreas sociais da casa, proporcionando maior conforto e aprimorando a decoração de interiores. Contudo, uma observação mais detida das áreas da casa destinadas aos serviços domésticos, especialmente a cozinha, evidencia significativas alterações no programa arquitetônico no século XIX, denunciando a adequação do projeto construtivo às singularidades climáticas das diferentes províncias, à política segregacionista e escravocrata empreendida na colônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, Maria Paula. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura.* São Paulo: Pró - Editores, 2000.

ANDREA, Carlos F D'. *Biografia de Chica da Silva*. Disponível em <http://www.cidadeshistoricas.art.br/hac/bio_chic_p.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2002.

CARVALHO, José Murilo de. *Construção da ordem: a elite política imperial.* Rio de Janeiro: campus,1980.

FENELÓN, Déa Ribeiro. Políticas Culturais e Patrimônio Histórico. In: FENELÓN, Déa Ribeiro. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania.* São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. São Paulo: DPH, 1992.

FURTADO, Júnia F. Família e relações de gênero no Tejuco: o caso de Chica da Silva, de Júnia F. Furtado. *Varia História*. Belo Horizonte, no. 24, p. 33-74, 2001 .

_____ *O Livro de Capa Verde: a vida no Distrito Diamantino no período da Real Extração.* São Paulo: Anna blume, 1996.

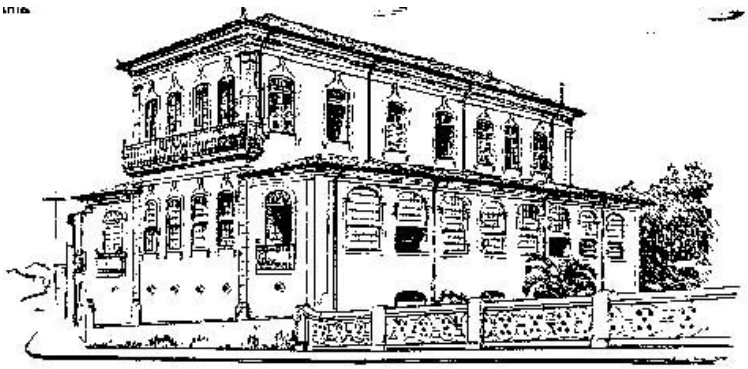
GORDINHO, Maria Cintra. *Casa do Pinhal.* São Paulo: C.H. Knapp, 1985.

GRAAMN, Richard**.** *Clientelismo e Política no Brasil do século XIX.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

IPHAN. *Relação dos bens tombados de Minas Gerais.* Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/supregionais/13sr/pagsr13bens.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2002.

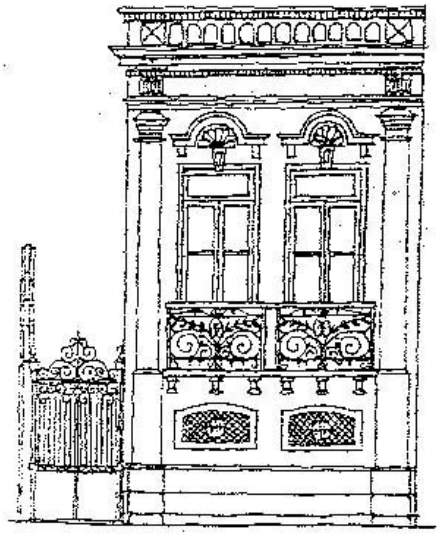
LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café.* São Paulo: Nobel, 1985.

_____ *Historia da Casa Brasileira.* São Paulo: Contexto, 1996.
PEREIRA, Paulo César Xavier. *Espaço, Técnica e Construção*: *o desenvolvimento das técnicas construtivas e a urbanização do morar em São Paulo.* São Paulo: Nobel, 1988.
MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: HUCITEC, 1987.
REALE, Ebe. Evolução da casa urbana brasileira. *Revista Digesto Econômico*, São Paulo, no. 246 — ano XXXII, nov/dez., 1975.
REIS, Nestor Goulart Filho. *Quadro da Arquitetura no Brasil.* São Paulo: Perspectiva, 1970.
RODRIGUES, José Wasth. *Documentário Arquitetônico.* São Paulo, Livraria Martins Editora, 1970.
SOUZA, Wladimir Alves de. (coord.) *Guia dos Bens Tombados.* Minas Gerais/Rio de Janeiro:Expressão e Cultura, 1984.
TAUNAY, Afonso. *A missão artística de 1816.* Brasília: Fundação Roberto Marinho/Editora da UnB, 1983.
VERÍSSIMO, Francisco Salvador. *500 anos da casa no Brasil.* Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
ZANIRATO, Silvia. As políticas de preservação e de usufruto do Patrimônio Cultural: Centro Histórico de Salvador, como um estudo de caso. In: *Pós-História*. Assis/SP: Revista de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista, 2002.

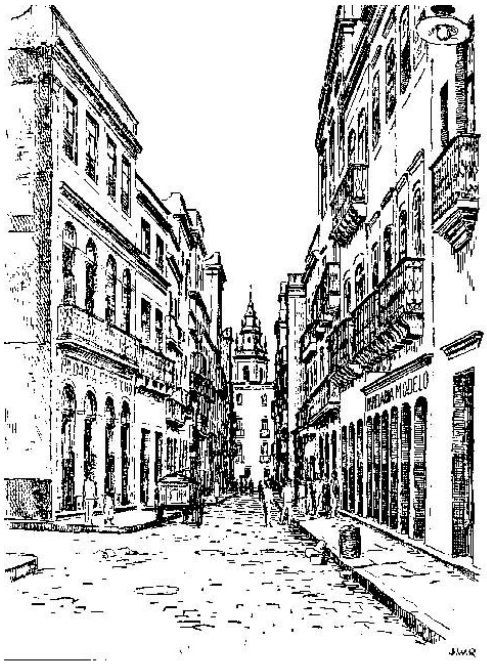


Gravura nº 1 - Solar da Família Marbach - Bahia. Fonte: Documentário Arquitetônico (1970, p. 124).

Foto nº 2 - Casa dos Contos – Ouro Preto – Minas Gerais. Fonte: (SOUZA, 1984, p. 56).



Gravura nº 3 - Fachada de uma casa de porão alto. Fonte: Desenho em nanquim, realizado por Rogério A. de Araújo.



Gravura nº 4 - Solares do Recife antigo, ao fundo esboço da torre da Igreja do Carmo. Fonte: Documentário Arquitetônico (1970, p. 296).

Foto nº 5 - Casa de Chica da Silva – Fotografia do Sr. Assis. Disponível em: <http://www. iphan.gov.br/supregionais/13sr/pagsr13bens.htm>. Acesso em: 22 de maio de 2002.Banco de Dados do IPHAN .